

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA

LUANA FREITAS DE CASTRO

**A IMPORTÂNCIA DO *SIGNWRITING* PARA O LETRAMENTO DE ALUNOS
SURDOS**

**MANAUS/AM
2018**

LUANA FREITAS DE CASTRO

**A IMPORTÂNCIA DO *SIGNWRITING* PARA O LETRAMENTO DE ALUNOS
SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Amazonas – UEA,
intitulado **A importância do SIGNWRITING para
o letramento de alunos surdos**, como parte para
obtenção de título de Licenciatura em Letras- Língua
Portuguesa.

**MANAUS/AM
2018**

BANCA AVALIADORA

Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos (UEA)
Orientador

Prof. Esp. Augusto José Savedra Lima (IFAM)
Avaliador 1

Prof. Esp. Jackson da Silva Vale (UEA)
Avaliador 2

**MANAUS/AM
2018**

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre no comando de tudo, por ter me dado saúde e forças para vencer todas as dificuldades.

A esta Instituição de ensino, o corpo docente por terem me dado a oportunidade de vislumbrar um horizonte superior.

Ao meu querido orientador Marcos Roberto, pela paciência, pelo empenho dedicado à elaboração desse trabalho, pelas correções e seus incentivos.

Aos meus pais que sempre me incentivaram a continuar e acreditaram no meu potencial.

Ao meu noivo pelo colo para chorar e por resolver os problemas tecnológicos que surgiram no decorrer da escrita.

Aos meus amigos que tive o prazer de conhecê-los no primeiro período e de continuarmos juntos até o final, amizade esta que continuará em minha vida.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida acadêmica, aos que oraram e mandaram forças positivas para que tudo ocorresse bem, o meu muito obrigada.

A IMPORTÂNCIA DO *SIGNWRITING* PARA O LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS

Luana Freitas de Castro (UEA)¹
Marcos Roberto dos Santos (UEA)²

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a importância da aquisição do *SignWriting* para os surdos, bem como compreender a importância da leitura e escrita para o processo de letramento, entender o sistema de escrita *SignWriting* (SW) e analisar o impacto da aquisição dessa escrita para a aprendizagem da Libras e Língua Portuguesa pelos alunos surdos. Foram utilizados estudos que abordam sobre letramentos e escrita de sinais de autores como Rojo (2015), Soares (2012), Stumpf (2002), entre outros. Para isso foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativa e bibliográfica. Constatou-se que a aquisição do SW oportuniza novos conhecimentos aos indivíduos surdos, uma vez que, por meio da aquisição de sua primeira língua (L1) escrita, a Libras, possibilita a inclusão ao processo de letramento e uma aquisição da Língua Portuguesa escrita mais precocemente.

Palavras-Chaves: Libras; *SignWriting*; Escrita; Aluno surdo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Levando em consideração a aprendizagem da língua escrita alfabética pelos alunos ouvintes, é possível identificar com clareza que os registros da oralidade auxiliam no avanço da compreensão da escrita, visto que por meio dos sons da fala, este conhecimento fica mais fácil. Porém, no caso de um aluno surdo, na maioria das vezes, isso não acontece, mesmo que ele não obtenha referências sonoras, o aluno é submetido ao ensino da Língua Portuguesa escrita.

A partir da ideia de que a maioria das línguas oralizadas possuem suas respectivas escritas, é possível entender que a língua de sinais utilizada pelos surdos também tem sua escrita. Ao indivíduo surdo é fundamental que ele aprenda a Língua Portuguesa escrita, em razão de viver em uma sociedade cuja cultura e língua majoritária é ouvinte. Desse modo, observou-se que é necessário que o mesmo aprenda o sistema de *SignWriting* para poder exercer sua cidadania de forma justa, com mais liberdade, garantir seu espaço na sociedade, exercer seus direitos e cumprir seus deveres. Contudo, existe um problema no

¹ Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Escola Normal Superior/Universidade do Estado do Amazonas.

² Trabalho apresentado para a obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa da Escola Normal Superior/ Universidade do Estado do Amazonas sob a orientação do Prof^o Me. Marcos Roberto dos Santos. Banca avaliadora: Prof^o Esp. Augusto José Savedra Lima (IFAM) e Prof^o Esp. Jackson da Silva Vale (UEA).

processo de alfabetização/letramento dos surdos em relação à Língua Portuguesa escrita, os mesmos são obrigados a aprender a escrita alfabética da língua oral por meio da mesma metodologia que é ensinada aos ouvintes, ocasionando então muitos problemas para o letramento/alfabetização dos surdos na escrita em português.

A motivação para a realização dessa pesquisa deu-se, primeiramente, pelo envolvimento da autora com a disciplina de Língua Brasileira de Sinais e de Escrita de Sinais. Posteriormente, como monitora da disciplina de Libras e bolsista no projeto de extensão universitária Escola de Libras da UEA. Essas experiências possibilitaram a reflexão de que é necessário que o surdo tenha uma qualidade no aprendizado e no domínio da escrita da sua L1 por meio do *SignWriting*, para que assim possa aprender a Língua Portuguesa escrita, compreender, estar inteirado e incluso na sociedade.

E essa pesquisa tem como objetivo refletir sobre a importância da aquisição do *SignWriting* para o letramento de alunos surdos. Para isso, busca-se compreender a importância da leitura e escrita para o processo de letramento, entender o sistema de escrita *SignWriting* e analisar o impacto da aquisição dessa escrita para a aprendizagem da Libras e Língua Portuguesa pelos alunos surdos.

O SW é um sistema novo comparado aos outros sistemas de escrita, como por exemplo, cuneiforme, pictográficos, ideográficos e etc. Embora essa escrita seja utilizada em vários países, ainda é desconhecida por muitos aqui no Brasil. No Brasil, essa escrita foi introduzida em 1996 pela pesquisadora Surda Marianne Stumpf, a qual por meio de seus estudos, a escrita de sinais está sendo reconhecida e ganhando seu espaço como a escrita da língua de sinais.

1 A evolução e a relevância social da escrita

Antes do advento da Escrita, a comunicação ocorria por meio da fala e de gestos. Com o passar do tempo, a transmissão das mensagens começou com a escrita cuneiforme em placas de argila na Mesopotâmia. Com a necessidade que o ser humano tinha de controlar o ambiente em que vivia, surge a escrita. A Escrita proporcionou uma melhor consciência sobre os fatos e possibilitou a organização dos pensamentos e vem evoluindo até chegar ao uso do computador, smartphones, celulares e etc. A partir das evoluções do mundo tecnológico, o mundo digital nos estimulará a fortalecer uma nova ligação com a palavra escrita, pois:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (CHARTIER, 1999, p. 13)

De geração em geração, os conhecimentos eram passados por meio da oralidade. Sendo assim, os pensamentos, as instruções e os conhecimentos não repartidos/ ditos aos demais, terminavam se perdendo no tempo. O uso da linguagem é tão importante que a história se divide entre antes de depois da Escrita.

Em consequência disso, a Escrita vem para assegurar o registro dos pensamentos, conhecimentos e ações humanas; ela foi crescendo e ganhando valor e relevância na difusão de ideias, nas relações sociais e informações. Fazendo com que o homem pudesse registrar sua cultura, emoções, descobertas e, principalmente, sua maneira de ver o mundo. Segundo Lyons (1987, p. 8) “A imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais adequado que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos.”

Na atualidade, a comunicação escrita está muito presente no dia a dia e sabemos que para ter uma boa posição no mercado de trabalho é preciso falar e essencialmente escrever bem.

O uso da Escrita vem através do alfabeto, sendo ele o principal meio pelo qual as tecnologias se expandem e desenvolvem, pois, estão em constante evolução. Com isso, o gosto pela leitura faz com que as pessoas obtenham mais aptidão em se expressar por meio da escrita.

2 Alfabetização e letramento

A palavra *alfabetização* se refere à decodificação, a compreensão do código, a junção das letras e a formação das palavras. Já o termo *letramento* diz a respeito à utilização da leitura e escrita no cotidiano, ou seja, o desenvolvimento de uma função social na leitura e na escrita.

Assim, quando o termo letramento é citado, é mais abrangente do que a alfabetização em si. A construção da escrita, da alfabetização requer certa maturidade cognitiva, ou seja, o cérebro humano precisa estar preparado para compreender os processos de alfabetização e da formação das palavras. Porém, é possível trabalhar o processo de letramento desde a alfabetização.

É importante fazer a distinção desses dois termos:

[...] o termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, pág. 98)

Portanto, alfabetização não depende só de colocar a criança, jovem ou até mesmo o adulto apenas para ler, é preciso acompanhar todos os procedimentos do conhecimento, da fala, dos sons, do discurso para que seja colocado em prática o que se é aprendido numa perspectiva sociocultural, sociológica e antropológica. Pois, compreende-se que:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, não é só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, prática a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2015, pág.39)

Dessa forma, o conceito de letramento se torna muito amplo, pois envolve uma diversidade de práticas de leitura e escrita, sofrendo ressignificações constantemente. Diz-se, então, não apenas letramento, mas letramentos múltiplos. Para Rojo (2009, pág. 13) significa deixar de “ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar e colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais”. Sendo assim, as várias práticas de leitura e escrita que circundam na sociedade, que envolvem todos os indivíduos, necessitam relacionar-se e interligar-se.

Diante da exposição destes conceitos, percebe-se que o *SignWriting* se apresenta como uma importante ferramenta para que o aluno surdo possa fazer uso da leitura e escrita de maneira competente, transformando e sendo transformado pelo meio em que vive.

3 Contextualizando o *Signwriting* desde a sua origem à chegada no Brasil

A Língua de Sinais possui um sistema próprio de escrita, no qual possibilita a escrita dos sinais das expressões faciais, dos pontos de articulações, marcas não-manuais e

do alfabeto datilológico, conhecido como *SignWriting*. Em 1974, a bailarina Valerie Sutton criou um sistema extraordinário para anotar os movimentos da dança, o *DanceWriting*. Algum tempo depois Valerie e seu método estavam viajando o mundo. Valerie foi à Dinamarca para ensinar seu sistema em uma escola de balé, essas aulas foram noticiadas pela imprensa local, o que despertou a curiosidade de pesquisadores da Língua de Sinais, pois viram naquele sistema a oportunidade de escrita para as línguas visuais. Exemplos de notações do *DanceWriting* pode ser visto na imagem abaixo:



Figura 1: Registro do *DanceWriting* de Valerie Sutton.

Fonte: <http://k--b.org/reviews/books/dance-writing-shorthand-modern-and-jazz-dance>

Em contato com Sutton, os pesquisadores pediram para que a bailarina anotasse a fala de alguns surdos que foram apresentados a ela por meio de vídeos. Sutton fez algumas adaptações e assim nascia o embrião que mais tarde, em 1974, seria o *SignWriting*. Este sistema é uma escrita visual direta que permite escrever qualquer língua de sinais.

Os sinais são compostos por parâmetros: configuração de mãos, localização, orientação da palma das mãos, movimentos e expressões faciais, ou seja, expressões não manuais. Para cada parâmetro fonológico em língua de sinais existe um grafema correspondente na escrita. A grande maioria dos grafemas é icônica, o que permite uma rápida associação entre o sinal e a sua forma escrita, o sinal tenta seguir a mesma lógica estrutural como do corpo humano. Será ilustrado a seguir as três principais configurações de mãos, as orientações da palma da mão no plano vertical e o alfabeto manual escrito.

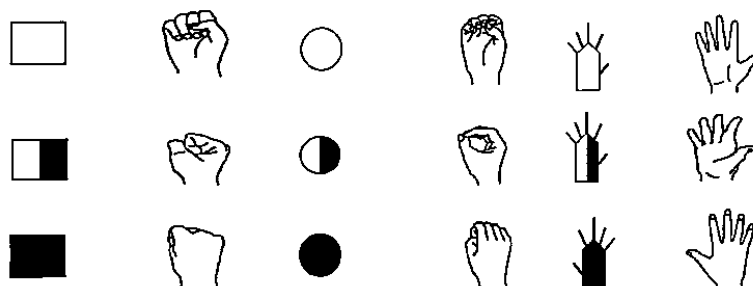


Figura 2: Configurações de mãos e orientações da palma da mão no plano vertical

Fonte: SUTTON, V. Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português Libras. DAC – Deaf Action Committee for SignWriting. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>>



Figura 3: Alfabeto manual escrito.

Fonte: SUTTON, V. Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português Libras. DAC – Deaf Action Committee for SignWriting. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>>

A figura 2 demonstra as três principais configurações de mãos, a partir delas todas as outras são formadas com extensão e contração da mão e números de dedos estendidos ou fechados. A parte escura indica que o sinalizador vê o dorso da mão e a branca vê a palma da mão. Já na figura 3 é possível observar a escrita do alfabeto manual da Libras, o qual apresenta configurações de mãos, orientações da palma da mão e movimentos.

A Escrita de Sinais só foi inserida no Brasil a partir de 1996, através da Marianne Rossi Stumpf, sendo a primeira surda a escrever os sinais da Libras. No mesmo ano, a pesquisadora juntamente com o Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa³ e a professora Márcia Campos na PUC-RS começaram a pesquisar a escrita de sinais (STUMPF, 2010).

Sobre a importância deste sistema de escrita de sinais, a autora diz que:

A escrita de sinais é muito importante para nós, porque é a forma própria de

³ Prof graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977), mestrado em Ciências da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980) e doutorado em Ciências da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993).

⁴ Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq - Nível B. Bacharel em Informática pela PUCRS em 1991, Mestre em Computação pela UFRGS em 1996 e Doutor em Informática na Educação pela UFRGS em 2001.

escrever a língua de sinais. A comunidade surda que utiliza a língua de sinais merece ter também a sua escrita. Da mesma forma, as crianças devem escrever os sinais uma vez que usam a língua de sinais. (STUMPF, 2010, pág. 170)

A partir do início das pesquisas, Stumpf e o Dr. Antônio fizeram a primeira tradução do português para a Escrita de Sinais, sendo a primeira tradução o livro infantil “Uma Menina Chamada Kauana”. Desde então, vários livros de literatura infantil, científicos, artigos e outros gêneros foram publicados em Libras. Isso valoriza a cultura surda e a própria língua de sinais, a qual possui as mesmas características linguísticas das línguas orais.

4 Aspectos linguístico da Libras

A Língua pode ser compreendida como um conjunto de elementos que podem ser estudados simultaneamente, tanto no viés pragmático como no sintagmático. Pode-se dizer que um elemento se sujeita ao outro para ser construído. Para o importante linguista suíço Ferdinand de Saussure, considerado o *pai da Linguística*, a linguagem é individual, social, homogênea e complexa. Para Saussure (2006), a Língua é estabelecida como parte do fator social, um acordo coletivo por meio da convenção social, sendo que um indivíduo não é capaz de modificá-la.

A Libras, assim como as línguas orais, constitui-se como um fator social e é composta por um sistema linguístico que não pode ser alterado. De maneira geral, as línguas

São sistemas complexos de comunicação com vocabulário constituído de símbolos convencionais e regras gramaticais que são compartilhadas pelos membros de uma comunidade. As línguas também se caracterizam por serem passadas de geração para geração, por mudarem com o passar do tempo e por serem usadas para a troca de uma enorme gama de ideias, emoções e intenções. (BAKER; COCKLEY, 1980, pág. 14)

De acordo com a citação, os elementos que formam essa língua interagem entre si de forma sistemática e complexa, é um sistema de comunicação usado pelos surdos nas suas interações cotidianas, é formada por um (um conjunto de sinais), sendo esses sinais convencionados (conhecidos/compartilhados pela comunidade) e se combinam entre si na formação das frases por meio de regras gramaticais e não de forma aleatória. Além disso, a Língua de Sinais é passada de geração a geração e é mutável ao longo do tempo, e por fim, é usada como comutação de ideias, emoções e intenções. Sendo assim, considerada uma língua natural como qualquer outra oral.

É de suma importância lembrar que a Libras é variável tanto no espaço de cada região em que está sendo usada, por meio dos diversos grupos sociais em que ela está sendo utilizada e nas situações em que a Libras é usada de forma formal e informal.

Segundo Charles Francis Hockett, um linguista americano, que desenvolveu muitas das ideias da linguística estruturalista, ele propôs propriedades universais para as línguas naturais. Desse modo, essas propriedades também se manifestam na língua de sinais e se apresentam da seguinte forma:

a) *Arbitrariedade dos símbolos*, quando se pensa em uma palavra em português como “árvore”, por exemplo, percebe-se que não existe uma relação entre a forma (os sons que a formam) e o significado que ela expressa, diferentemente das onomatopeias. Em Língua Portuguesa, existe uma grande predominância de palavras como “árvore”, ou seja, símbolos linguísticos arbitrários, cuja a forma não é motivada pelo significado. Essa situação se inverte nas línguas de sinais, pois elas apresentam um número maior de palavras icônicas, isto é, motivadas pela forma, no qual apresenta relação com o significado que expressa e diferenciado existe uma frequência menor de palavras arbitrárias.

Quando Rockett propôs que a arbitrariedade dos símbolos como uma característica das línguas naturais, ele não levou as línguas de sinais em consideração. Contudo, na atualidade é vista de uma maneira diferente, uma vez vista que as línguas de sinais já são aceitas no âmbito dos estudos linguísticos, então se é entendido que existem línguas mais e menos icônicas, e o fato das línguas de sinais serem mais icônicas que as orais não são vistas como um problema pelos linguistas.

É importante salientar que embora as línguas de sinais façam uso dos sinais icônicos, elas não representam os mesmos símbolos da mesma forma, por exemplo:



Figura 4: Árvore em Libras – representa o tronco usando o antebraço e a mão aberta, as folhas em movimento.

Fonte: <http://gisafessora.blogspot.com/2009/09/arvore-em-libras-brinque-e-ensine-para.html>



Figura 5 LSC (Língua de Sinais China) - representa apenas o tronco da árvore com as duas mãos (os dedos indicadores e polegares ficam abertos e curvos).

Fonte:<http://gisafessora.blogspot.com/2009/09/arvore-em-libras-brinque-e-ensine-para.html>

Podemos observar que cada comunidade surda elegeu um referente diferente para representar a forma do seu sinal, isso mostra que cada região tem seu padrão, uma vez que não existe um traço que obrigatoriamente deva ser selecionado por uma comunidade surda para que eles criem um sinal para representar aquele conceito, aquele referente.

b) *Gramaticidade*, normalmente quando produzimos frases no Português sua estrutura é (sujeito + verbo + objeto), essa ordem canônica é atestada em muitas línguas do mundo, mas também existem línguas que atestam ordem diferente, como por exemplo, as frases em Libras. As mesmas podem apresentar a mesma estrutura da Língua Portuguesa (SVO), mas também podem derivar outras estruturas, de acordo com a variação do enunciado.

c) *Discritude e dupla articulação*. A fala pode ser segmentada em termos de *unidades significativas*, esse é um dos planos em que as línguas naturais se manifestam. É importante saber que as línguas naturais não operam apenas no nível das unidades significativas, mas também no nível das unidades que formam as unidades significativas, que no caso das línguas orais, são as unidades sonoras, essas unidades compõem a segunda articulação da linguagem, estão no plano das unidades distintivas. Assim, os sinais da Libras também podem ser divididos em morfemas e fonemas.

d) *A intercambiabilidade e reflexividade*. A intercambiabilidade tem a ver com a possibilidade que os usuários de uma língua têm de trocar seus papéis numa situação comunicativa, como exemplo, o emissor e receptor que podem inverter os papéis a qualquer momento no decorrer da conversa/comunicação, isso é possível nas línguas naturais, porém não é possível em outros sistemas de comunicação como as placas de trânsito, pois não há a possibilidade da inversão de papéis e nem interação. Com relação a *reflexividade*, observamos que as línguas têm a capacidade de serem usadas para falar por

elas mesmas, fazendo referência a função metalinguística, no qual podemos usar o Português para explicar como o Português funciona. Sendo assim, também podemos usar as Libras para explicar seu funcionamento.

e) *Deslocamento*, consiste na possibilidade que as línguas têm de fazer referência a pessoa, tempos e espaços que não apenas aqueles nos momentos da fala. É importante lembrar que na época do oralismo as pessoas acreditavam que os surdos precisavam aprender uma língua oral, porque elas defendiam que as línguas de sinais eram inferiores por estarem presas no “aqui e agora”.

Porém os estudos linguísticos revelaram que as línguas de sinais têm sim a possibilidade de realizar deslocamento de pessoa, quanto de tempo e espaço, ou seja, é possível usar a língua de sinais para falar de uma pessoa que não esteja presente no momento da fala e tempos e espaços que não são aqueles que a fala está sendo realizada.

f) *Criatividade*, essa propriedade tem a ver com o fato de que as línguas são “plásticas”, ou seja, elas são capazes de desenvolver recursos para descrever/representar propriedades novas. No caso da Libras, até pouco tempo não havia muitos sinais para referirmos a conceitos da Linguística, isso porque os surdos por conta de uma exclusão social e educacional foram privados de estudar essa disciplina. Uma vez que os surdos adentraram aos cursos de Letras e começaram a estudar linguística, novos sinais foram sendo criados na Libras. Isso revela que a Libras, assim como as línguas orais apresentam criatividade, pois é capaz de desenvolver novos recursos para referir-se a conceitos novos, a novas realidades.

Como foi mencionado nesta sessão, a Libras cumpre com todas as propriedades de uma língua natural, podendo assim, ter uma forma escrita também, embora tenha sido considerada por muito tempo uma língua ágrafa.

5 Educação dos surdos: o *SignWriting* e o letramento

Levando-se em consideração os aspectos citados, é possível recobrar o sentido da importância do *SignWriting* para os surdos. Mas para que isso aconteça, é preciso valer-se do pensamento de um indivíduo surdo

A escrita de sinais está para nós, surdos, como uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir, também, muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da civilização ocidental, uma escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem

compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (STUMPF, 2002, pág. 63)

Dessa forma, é derrubada a ideia de que os surdos não se interessam em aprender a Língua Portuguesa, pelo contrário, os surdos necessitam de ter acesso primeiramente à sua língua escrita. Quando são letrados/alfabetizados a partir tendo como base a sua língua escrita, gera uma maior motivação, pois a partir do aprendizado da escrita da sua L1, o surdo poderá aprender a L2 sem grandes dificuldades. Por isso, há um consenso com Stumpf (2002) quando ressalta que:

As escolas de surdos precisam colocar rapidamente a escrita de sinais no currículo, pois suas aulas proporcionam oportunidades importantes para os surdos de aprender também língua de sinais. Exercitamos muitas aprendizagens de sinais quando procuramos pela melhor grafia de um sinal. (STUMPF, 2002, pág. 65)

O indivíduo surdo ao ser letrado/alfabetizado em sua própria língua materna e utilizando a escrita dessa língua há uma progressão com maior eficácia, mais rapidez quanto à aquisição da habilidade de ler e interpretar textos, de perceber as regras e as estruturas gramaticais e a estrutura de sua língua.

Acerca disso, Stumpf (2010) relata sua experiência sobre o ensino de *SignWriting* para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ressaltou “que os mesmos que dominam a Libras têm mais aptidão para a aprendizagem de *SignWriting*”, ou seja, quanto maior for a proximidade com a Libras, maior será a possibilidade de entender o sistema desta língua de maneira mais natural possível.

Em relação à valorização do *SignWriting* no meio escolar/acadêmico é necessário que tenha visibilidade da concretização de alfabetização/letramento do surdo, incorporando a ideia da possibilidade de um docente atuar lançando mão do *SignWriting*. Logo,

O professor pode ler o descobrimento do Brasil com alunos, pedir que cada um leia parte do texto com suas próprias palavras, ou deveríamos dizer, suas próprias mãos? Depois disto, o professor pode trabalhar o texto em sala através de questionário em Língua Brasileira de Sinais (Libras) onde o aluno fará a leitura e interpretação do texto, respondendo em Libras e depois se expressando a respeito do conteúdo. Como cada aluno terá o livro, texto em Libras, o professor poderá passar atividades para que os alunos aprofundem seus conhecimentos em casa. (RIBEIRO, S/D).

Dado o exposto, uma educação que utiliza como base a primeira língua dos alunos facilita a leitura, interpretação, capacidade de compreensão de mundo e autonomia para os alunos desenvolverem seus próprios estudos. Quando isso não acontece, o aluno surdo só

estuda com a presença de um intérprete de Libras, professor, familiar e/ou amigo que domine a Libras.

A escrita é uma arte em si mesma e seu uso cria a “cultura da escrita”, que poderemos observar não somente em livros, mas também em diversos outros gêneros como em e-mails, cartas, placas, folhetos, contos, anúncios, cartas, materiais escolares, camisetas, páginas da internet, dentre outros.

Assim, a possibilidade de acesso à leitura e escrita da Libras e da Língua Portuguesa fará com que os surdos compreendam o mundo em que estão inseridos e se sintam incluídos socialmente. Além disso, a aquisição da escrita de sua primeira língua possibilita o desenvolvimento de suas capacidades, aquisição de conhecimentos e oportunidades de dispor e/ou criar literaturas informativas para que possam se inteirar das questões sociais os estimulando a ler e a escrever.

Considerações finais

Com a realização deste estudo, foi possível notar que ao aprender a Libras juntamente com a sua forma escrita, os alunos surdos poderão analisar melhor a estrutura da sua primeira língua, aprofundando-se e se aprimorando na compreensão da Libras e da sua respectiva gramática. Com a aquisição da escrita de sinais, o surdo estará bem alicerçado para a aprendizagem da Língua Portuguesa. Vale ressaltar que há diversas formas de escrita das línguas de sinais, inclusive, a ELiS (Escrita de Língua de Sinais) foi desenvolvida por uma pesquisadora brasileira, porém, a mais utilizada mundialmente é o *SignWriting*.

Destacando que as escritas de L1 e L2 se constituem, pode-se esclarecer que a escrita de língua oral é representada pelos fonemas sonoros, por sua vez, a escrita de sinais é representada graficamente pela configuração de mão, movimentos e espaço, além dos outros símbolos referentes à orientação da mão e expressão facial. Isto é, indica a ideia de que ao aprender a escrita de *SignWriting*, o indivíduo surdo encontra mais significação do que aprender a escrita da L2.

Quando, a priori, é introduzido o *SignWriting* para que depois seja introduzida a escrita da Língua Portuguesa, é possibilitado um ambiente que concede estímulo ao aluno surdo para o raciocínio e aprendizagem da L2, auxiliando-o a fazer uma comparação entre os textos elaborados em *SignWriting* e os produzidos em português. Assim sendo, a apresentação do texto através dessa escrita junto com Português beneficia a compreensão do surdo e uma leitura independente, pois terá língua de sinais como auxiliar. Isso gera um estímulo para o

aluno surdo ter uma aprendizagem mais natural, longe das barreiras linguísticas e do constrangimento do sentimento de inaptidão.

REFERÊNCIAS

- BAKER, Mona (1993). Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications. In: **Text and Technology: Honour of John Sinclair**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, pág. 33 – 49.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999. (1ª reimpressão da edição de 1998), pág. 160
- QUADROS, Ronice Müller de. Didática da Libras. In.: FARIA, Evangelina M^a B. de e ASSIS, M^a Cristina de (orgs). **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. Vol. 5. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012, pág. 61 – 110.
- QUADROS, Ronice Muller; STUMPF, Marianne Rossi. Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa. In: Ronice M. de Quadros. (Org.). **Cadernos de Tradução**. 26 Ed. Florianópolis: PGET, 2010, v. 1 (pág. 166-205).
- LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987, pág. 284.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- RIBEIRO, Sérgio. Ouvinte, Analista de Negócio – PUC/Campinas, Didática – IPEC/SP e Especialista Educação Especial Auditiva/Mental, Fac. São Luiz/SP, atua como Diretor e Professor no Centro Educacional Cultura Surda. Livros publicados em Libras: **“O Menino, o pastor e o lobo”** e **“Davi”**.
- ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, pág. 128.
- SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de Linguística Geral**. BALIY, Charles; SECHEHAYE, Albert (orgs); com a colaboração de RIEDLINGER, Albert; prefácio da Edição Brasileira SALUM, Isaac Nicoiau; tradução de CHELINI, Antônio; PAES, José Paulo; BLIKSTEIN, Izidoro. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006, pág. 298.
- STUMPF, Marianne Rossi. Transcrição de Língua de Sinais Brasileira em Signwriting. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002, pág. 62-70.
- SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais**. Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português Libras do livro “Lessons in SignWriting”, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC – Deaf Action Committe for SignWriting, pág. 210. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>> Acesso em 08 de dezembro de 2018.